Gralha

Gralha estivo ali: Cuba Festival da Juventude Lyon Caravana Lisboa Festa do Avante

Nº 18. OUTUBRO, NOVEMBRO 1997 PERIÓDICO BIMESTRAL GRATUITO APARTADO 678. 32080 OURENSE

Próximas negociações em Timor Leste

Está finalmente instalado um verdadeiro ambiente de negociações em torno do problema de Timor. Mas para coalhar definitivamente exige maiores responsabilidades por parte de todos os participantes no processo.

As ondas de choque provocadas pola atribuiçom do prémio Nobel da Paz começam agora a fazer-se sentir. Depois de umha manifestaçom de vontade da Noruega em contribuir para umha soluçom negociada surgiu a iniciativa do presidente Nelson Mandela. Alén disso, o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, nomeou um representante especial para acompanhar o problema de Timor Leste. Nom há dúvida,pois, de que esta meia-ilha ignorada pola comunidade internacional durante mais de duas décadas, se tornou umha questom suficientemente importante para que se sucedam assim as ofertas de mediaçom.

O impacto destes gestos também tem repercussões na Indonésia. De um problema «sem importáncia», apenas alimentado por espíritos «malévolos» que no mundo ocidental queriam prejudicar os interesses de Jacarta, tornou-se há alguns anos "umha pedrinha no sapato» (no dizer do ministro indonésio Ali Alatas) e, agora, um pedregulho que é preciso remover. Mas há variados problemas a considerar e muitos interesses em jogo. PÁGINA 6

Se volta a oportunidade, colherei as armas da dialéctica

Neste titular resume-se o actual sentir de Ramom Lopes-Suevos, desencantado com a política actual, vê como muitos dos que estavam com ele nos anos 70 e 80, agora desfrutam dos benefícios do poder renunciando a postulados e fazendo concessões, das quais muitas seriam impensáveis há pouco. No meio dumha campanha eleitoral como a que vivemos, botam-se de menos vozes críticas que ponham a cada um no seu lugar. Botam-se de menos pensadores e gentes que nom se deixem levar polas correntes de mediocridade, gentes que com os seus critérios podam aportar novas focagens ao complicado mundo da política e sociedade galegas.

Ramom Lopes-Suevos, professor de estructura económica da Universidade Compostelana e autor de numerosos livros de ensaio económico e político, tivo também em diversas etapas da sua vida umha forte actividade militante. Foi membro, por exemplo, do comité central da UPG.

No decurso desta entrevista, manifestou: "A minha aproximaçom ao nacionalismo é por via intelectual e acho que é melhor ir pola via sensível, tanto na consciência nacional como na social". No entanto, a sua trajectória demostra que ambas facetas tiverom e têm importância na sua actividade. PÁGINA 3

Fazendo país com o próprio compromisso

Na Galiza tem problemas quem se move para defender o que é seu, quem exige os seus direitos, quem nom participa do poder estabelecido... o problema da repressom é humano e social. PÁGINA 4,5

«Caravane des quartiers» virá a Compostela

Um projecto multicultural e multiracial onde se misturam música, circo, teatro, e as mais diversas manifestações artísticas.

A «Caravana dos bairros» estará com nós da mão de Manu Chão em Julho de 98. Coincidindo com o Mundial de Futebol o lugar eligido é Compostela. PÁGINA 8

Galiza no XIV Festival mundial da Juventude e os Estudantes celebrado em Cuba

O XIV Festival da Juventude celebrou-se este verao com grande éxito no país caribenho. Contou, na sua organizaçom e desenvolvimento, com o apoio de todo o povo cubano. Nas ruas, as gentes recebiam as delegadas e delegados como se se tratar de embaixadores. E eram embaixadores. Eram os que lhes iam contar aos cubanos e ao mundo como estavam os seus respectivos países e também os que, ao voltar, teriam que contar como está Cuba.

Este festival, o seu alcance, o seu entusiasmo, demostrou que a juventude do mundo se resiste a entrar no fim da história: a rebeliom e a esperança seguem convocando-os. Qual é o inimigo?. Em cada país umha variante do mesmo panorama neoliberal, e nalguns países acrescentado: a dependência nacional. PÁGINA 2

6 de Agosto, a data da despedida e do encerramento do XIV Festival da Juventude

Galiza no XIV Festival mundial da Juventude e os Estudantes celebrado em Cuba

Um total de 12.335 delegados e delegadas de 132 países, em representaçom de mais de duas mil organizações, participárom em numerosos debates políticos, reuniões e outras actividades do Festival, animados polo espírito da solidariedade anti-imperialista, a paz e a amizade. Galiza levou um Comité Nacional Galego. Participou como tal no desfile inaugural, no qual, conjuntamente com Euskal-Herria e Catalunya portou um cartaz com a legenda. "Contra o imperialismo espanhol / Pola liberdade dos povos / Galiza ceive Catalunya lliure Euskal Herria askatu".

Fidel Castro no encerramento do XIV Festival da Juventude

O Festival foi acolhendo, jornada tras jornada, as reivindicações dos diferentes países. Do caso galego conseguiu-se dar umha visom ampla. Da Galiza falou-se no tribunal Anti-imperialista, na Comissom de Direitos Humanos, na de Línguas, na de Ensino, etc.

Este Festival da Juventude realizou-se em condições mui diferentes das que existiam nas suas anteriores convocatórias. A sociedade que encontram os jovens de hoje rege-se pola unipolaridade e o estabelecimento de modelos neoliberais mediante o processo de globalizaçom. Neste contexto produce-se um aumento da exploraçom, o desemprego, a reducçom dos orçamentos para educaçom e, nalguns lugares, incluso o analfabetismo. Nos múltiplos debates políticos celebrados, condenarom-se as agressivas políticas do imperialismo internacional, encabezado polos EE.UU, as políticas de ajuste estrutural e as suas desfavoráveis consequências sociais para os povos de todo o mundo. Instarom-se as forças progressistas a fazer frente a isso, conquerir os seus plenos direitos e fomentar modelos substitutivos de sociedade.

■ Problemas dentro do Comité Galego

Aos poucos dias de chegar a Cuba o Comité rachou. A principal razom foi que umha parte do Comité quixo proibir a outra falar dos presos e presas independentistas. Pretendeu-se impedir a utilizaçom do nome da Galiza numha concentraçom a favor do translado dos presos políticos. Os independentistas declarárom que a outra parte nom tinha sido nem sequer humanitária nesse tema. Tiverom que andar fugindo dos próprios compatriotas para explicar essas questões. Finalmente, falou-se da dispersom, do submetimento da Galiza e da sua resistência. Falou-se também de língua, sobre todo com portugueses, brasileiros, angolanos e timorenses, e escreveu-se em galego apesar da imposiçom da normativa "junteira" que o Comité levava.

■ Conclussões do XIV Festival da Juventude

O éxito desta ediçom conferiu um novo impulso ao movimento dos festivais, depois de cinquenta anos da sua criaçom e de oito da celebraçom da anterior ediçom em Pyongyang, RPD de Corea. O movimento da juventude anti-imperialista continua a sua luita pola paz, a soberania, a livre determinaçom e a democracia dos povos. Contra o aumento do poder militar, os jovens comprometem-se a luitar polos seus direitos políticos, económicos e sociais, sem esquecer a luita pola conservaçom do ambiente cuja destruiçom é necessário parar de maneira radical.

Os jovens denunciárom energicamente a expansom da OTAN e exigirom a disoluçom dessa aliança militar. Assim mesmo demandárom o feche de todas as bases militares, o cese do comercio de armas, as proibições totais dos ensaios nucleares e aboliçom destas armas, assim como das armas químicas e biológicas. Manifestárom a sua condena às medidas extraterritoriais, ao bloqueio, aos embargos, à ocupaçom militar, ao terrorismo de estado e outras medidas agressivas adoptadas em contra de povos de todas as partes do mundo. Condenárom energicamente a posiçom dos Estados Unidos e da Corea do Sul por tratar de impedir que os seus jovens participáram nesse encontro juvenil em Cuba.

Finalmente, os jovens reunidos este ano, expressárom o seu apoio à luita contra todo tipo de discriminações e manifestações fascistas, racistas, fundamentalistas religiosas e xenofóbicas. Apoiárom o carácter indivisível, universal e inalienável dos direitos humanos e condenárom as violações deles que se estám a produzir em diversas partes do mundo. Também em ocasiom de comemorar-se o trigésimo aniversário da morte em combate do Che Guevara, os participantes no Festival declarárom o seu compromisso com todas as causas justas e com os explorados e despossuídos do planeta.

Este é só um resumo da declaraçom final do Festival, que tocou estes e outros temas de interesse para a juventude e também para os nom tam jovens. Assim se desenvolveu e assim concluiu, com choros e abraços de despedida por parte das famílias que tinham acolhido nas suas casas durante uns quinze dias a todos os delegados e delegadas. O trato foi fabuloso e sempre amigável. O festival foi melhor do imaginado. Festas e concertos animárom o ambiente. Concertos da cançom política com numerosos participantes em todos os idiomas e nacionalidades e todo o mundo entendendo a mensagem. Mais concertos, teatro, foros de debate, inauguraçom e clausura de um festival que nos fai crêr cada dia mais na utopia.

breves

PP, PSOE, BNG homenageam Garcia Sabel

O Bloco Nacionalista Galego BNG, por meio dos seus representantes na Câmara Municipal da Corunha, apoiou o nomeamento de Domingo Garcia Sabell, ex-delegado do Governo Central, como filho predilecto da cidade.

Num pleno celebrado o 15 de Setembro a Câmara corunhesa, por votaçom unánime, decide que o doutor Garcia-Sabell posui «méritos na defesa da nossa cultura» durante o seu mandato como presidente da Real Academia Galega.

Governo de Londres convida Sinn Fein

Mo Mowlam, ministra británica para a Irlanda do Norte, reconheceu formalmente que o IRA tinha satisfeito «por palavras e acções» o período probatório de seis semanas respeitando o cessar-fogo. Esta foi a raçom que deu para que, finalmente, o governo trabalhista de Toni Blair convide o Sinn Fein para as negociações sobre o Ulster. O Sinn Fein aceitou o convite, indo agora ocupar o seu lugar no processo de negociações patrocinado por Londres e Dublim. A segunda figura do Sinn Fein, Mc Guinness, classificou de «histórica» a decissom do governo británico. As negociações de Stormont, procuraram encontar um consenso sobre umha fórmula de governo que satisfaça, simultaneamente, adversários e adeptos da pertença do Ulster ao Reino Unido.

EZLN constitue-se em frente politica

Indígenas do movimento zapatista tomárom o Zócalo da capital mexicana no passado mês de Setembro. Com a ocupaçom do centro histórico e político do país, mais de 1.000 delegados zapatistas exigem o cumprimento dos acordos sobre os direitos dos indígenas. Tais acordos foram assinados a começos do ano 1996, embora ainda nom fossem levados ao Congresso para legislar.

Membros do EZLN assistem ao seu congresso fundacional

A chegada dos mais de mil indígenas ao Zócalo foi aclamada por 50.000 simpatizantes. Num comunicado, assinado polo subcomandante Marcos e lido no Zócalo pola indígena Maribel, o Exército Zapatista de Libertaçom Nacional (EZLN) exigiu ao presidente Zedillo decidir entre cumprir os acordos de paz ou fazer-lhes a guerra dizendo: "que encha de balas o que nom puido encher con razões".

O deslocamento dos zapatistas até a capital mexicana produziu-se em qualidade de delegados e delegadas para participar no Congresso de fundaçom da Frente Zapatista de Libertaçom Nacional (FZLN) convocada pola guerrilha com o objectivo de se converter em força política.

Pola sua parte, o negociador oficial para a paz em Chiapas, Pedro Joaquín Coldwell, afirmou que o governo de México cumprirá os acordos de paz negociados com a guerrilha de Chiapas e demandou "madurez" ao novo partido zapatista para que proponha "aspectos construtivos e nom radicais".

PERIÓDICO BIMESTRAL GRATUITO

Editores: Grupo Meendinho-Renovação
Coordenador: José Manuel Aldea
Conselho Asesor: Moncho de Fidalgo, Santiago Peres, Marcos Ferradás, Xavier Diogues
Redacçom: Lupe Cês, Beatriz Árias, Ramom Pinheiro, André Outeiro, Jesus M. C.
Colaboradores: Konstantiño Graphia, Senén.

Ilustrações: Moxom.
Colaboram neste nº: Marta Rodrigues
Publicidade: Beatriz Árias
Correspondência: Apartado 678. 32080 Ourense. Galiza.
Tel: 988-213437 Fax: 988-372714
E mail: gralha@eucmax.sim.ucm.es
Depósito Legal: OUR-167/95

■ *A Gralha é um periódico bimestral e gratuito e voa nos primeiros quinze dias de Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro, e Dezembro.*
■ *Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.*
■ *As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom da Gralha.*

Ramom Lôpez Suevos

Se volta a oportunidade, colherei as armas da dialéctica

Ramom Lopes-Suevos (Ferrol, 1943) é catedrático de Estrutura Económica na Universidade de Compostela. A sua trajectória política e intelectual está marcada polo seu compromisso com o processo de libertaçom nacional. As suas aportações teóricas têm, objectivamente, o maior interesse do publicado nos últimos vinte anos dentro do panorama, cheio de lacunas, da produçom teórica nacionalista. Suevos centra a sua obra em matéria político-económica, tendo sempre a Galiza um lugar de destaque. De entre os seus libros e artigos sobresaim:
-Para uma visão crítica da economia galega. (1975)
-Excedente económico e análise estrutural. (1977)
-Problemática nacional e colonialismo. O caso galego. (1978)
-Do capitalismo colonial. (1979)
-Dialéctica do desenvolvimento: Naçom, língua, classes sociais. (1983)
-Portugal no quadro peninsular. (1987)
-O outro desenvolvimento. (1990)
-Socialismo e mercado (1992)

Ramom Pinheiro

.- Qual seria a tua valoraçom das organizações que conformam hoje o panorama nacionalista na Galiza?

Começando polo Bloco, dizer que hoje é mais um partido do sistema onde nom se aprecia ideologia nenhuma. Centra as suas principais preocupações na sua boa imagem, desestimando qualquer política de gestos para com os nacionalistas. Nom quere saber nada de conflitos e opta por um eslogam bilingue que nom quer dizer nada, sem esquecer que apresentou a Melha às eleições europeias (nom a pessar de ter sido do P.P., senom porque foi do P.P.).

A F.P.G, pola sua parte, tem a ideologia da velha U.P.G sem evoluir, sem adaptar-se às novas circunstâncias, ao novo contexto, e sem assimilar nada novo como por exemplo o reintegracionismo. Parece-me umha organizaçom redundante e sem futuro.

Sobre a A.M.I. nom me atrevo a falar porque nom a conheço. O que valoro positivamente é que existe algo à margem dos partidos. De facto, nos últimos anos, as únicas cousas interessantes nascerom à margem dos partidos, desde o reintegracionismo até o movimento de insubmissos. É possível que aí se esteja a fraguar algo interessante.

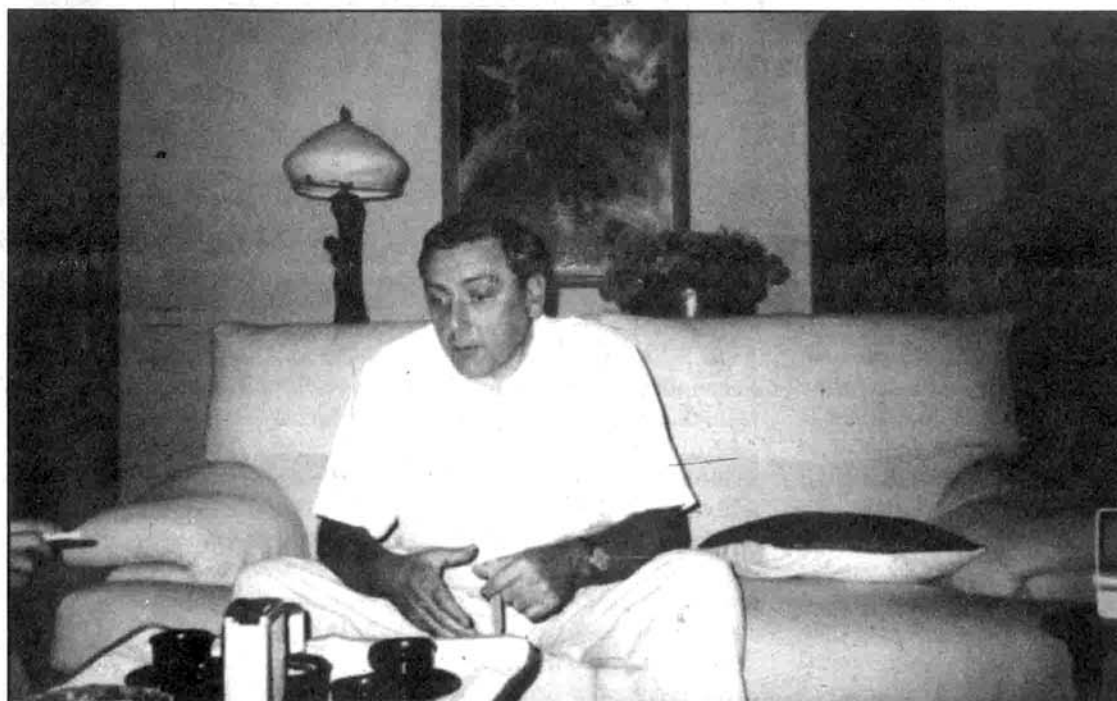
.- Como ves a evoluiçom do nacionalismo maioritário nos últimos anos?

Na U.P.G. de há vinte anos a relaçom da direcçom com a militáncia foi muito mais democrática que a que está a ter hoje o Bloco. Queria-se ser um partido leninista (cousa que hoje acho está sobrepassada e superada por movimentos de base como os da América Latina ou Euskadi). Penso que hoje há que pular polo

> ***«De facto, nos últimos anos, as únicas cousas interessantes nascerom à margem dos partidos, desde o reintegracionismo até o movimento de insubmissos»***

pluralismo, a liberdade de opiniom. Dentro do Bloco haveria que contrarrestar umha série de interesses pessoais e particulares.

A U.P.G em concreto abandonou praticamente todo. Antes a gente estavamos no partido entregados para dar cousas, hoje está-se a recebé-las. Nom se mudou no que se tinha que mudar: Umha conceiçom diferente do partido, do socialismo, do tipo de forças que há que aglutinar... Nom tem um futuro. Podem ter futuro o Bloco e os postos de trabalho para todos eles, mas nom há um nacionalismo que arranca de aí.

Umha das cousas mais interessantes a dizer do nacionalismo nos últimos anos é que quanto mais aumentam os votos menos se nota na gente, por exemplo na evoluiçom da língua. Naçom é comunidade cultural. Sem língua nom há nem cultura nacional nem comunidade. Pode haver nacionalismo de outro tipo como o económico de Canárias mas aquí nacionalismo é defesa da língua e cultura galegas.

.- Tens escrito sobre as diferenças entre o colonialismo da periferia próxima e o da periferia distante como o de ultramar. Pode-se definir a Galiza como umha colónia próxima?

Desde logo há umha subordinaçom económica, umha opressom política e um esmagamento cultural total do país. Tudo isto está concatenado. Poderiamos-lhe chamar colonialismo versom europeia. Penso que a denominaçom é secundária mas, pola gravidade da situaçom, prefiro manter o término.

.- A que situaçom política deveriamos aspirar para a Galiza num futuro?

Opto pola independência total. Independência até para cedé-la ou para negociá-la. Na Europa desde logo seria melhor ser um estado que umha regiom da Espanha. Irlanda por exemplo negociou muito melhor a sua integraçom na C.E.E. porque negociou como país, negociou o que queria e o que cedia. Espanha cedeu cousas galegas colhendo as que lhe convinham.

Por outra parte, há que primar por todos os meios a relaçom com Portugal por rações culturais, geopolíticas de contrarrestar as forças centrípetas e também por razões económicas. O que há que fazer é umha associaçom do tipo do Benelux com Portugal. Bélgica, Holanda e Luxemburgo decidirom estar na C.E.E. mas apesar disso privilegiam as suas relações mútuas. Nós poderiamos fazer o mesmo.

Há soluções para moderados e para radicais, o que nom há som soluções para espanholistas.

.- Quais considera que som os passos a dar para a reafirmaçom e expansom da consciência nacional?

Haveria que centrar esforços nas empresas culturais. Nom polo culturalismo apolítico, nom conflitivo, de tipo pinheirista senom polo nacionalismo cultural radical. Os projectos culturais som o passo necesário para dar o salto ao nacionalismo. Este último hoje nom o vejo possível. Se volta a oportunidade, colherei as armas da dialéctica.

.- Já para finalizar, como docente universitário qual é a tua valoraçom da Universidade Galega nos últimos vinte anos?

A universidade sempre foi um factor colonizador. Sempre o foi e segue-o sendo mas hoje em dia nom se vê resposta. O alunado é cada vez mais conservador, está mais desgaleguizado e o pior é que isto nom o vem como conflitivo. A universidade hoje está pior que há trinta anos. O ensino que se imparte nela é penoso. É em definitivo o reflexo das eleições.■

Fazendo país com o próprio compromisso

Luitas vizinhais, insubmissos, estudantes, independentistas... pessoas que fam país com o seu compromisso diario. Sempre pensamos que os problemas com a polícia lhes ocorrem aos outros, mesmo que só tem problemas quem os busca. Mas a realidade é que na Galiza tem problemas quem se move para defender o que é seu, quem exige os seus direitos, quem nom participa do poder estabelecido... a autora foca o problema da repressom do ponto de vista humano e social.

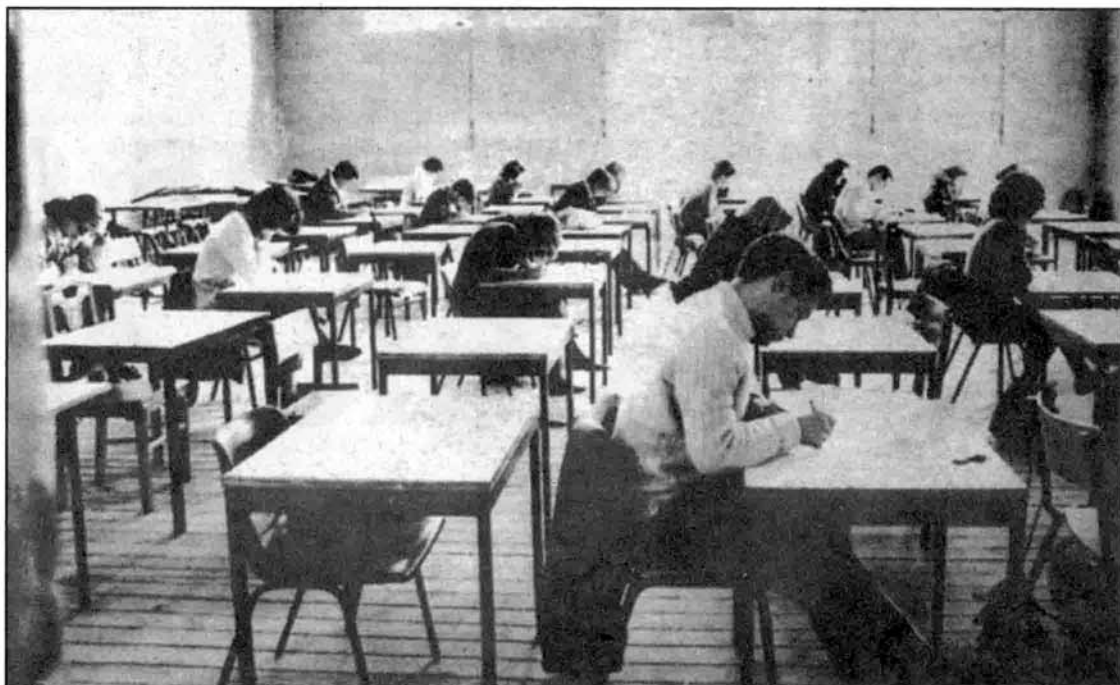
Lupe Cês

O estudantado mais consciente e comprometido sempre contribue para fazer país

■ Marcos Ferradás, 21 anos, militante da Assembleia da Mocidade Independentista

Estuda na Escola de Canteiros de Sam Joám de Poio, *"ainda que também há canteiras"*. Até o ano passado sempre vivira em Ourense, polo que essa pequena vila onde aterrou no curso 96-97, era todo novidade para ele. *"Vivia numha pensom onde havia todo tipo de gente, o mesmo que na escola, mas como costuma passar quando vas estudar fora, tês que fazer amizades e ir situando-te pouco a pouco"*. A polícia começou a actuar com rapidez. Falou com o dono do bar onde parava sempre, com pais de rapazes com os que se relacionava..., informando-os da perigosidade da sua militância na AMI. *"Com a dona da pensom foi o pior. Nom sei que demo lhe falárom que me dixo que nom podia voltar por ali o próximo curso. E em Poio é a única pensom que há, polo que tenho que ir viver a Ponte-Vedra. Também sei que entrárom no meu quarto para registá-lo"*.

Em Ourense é um rapaz mui conhecido. Marcos Ferradás agora tem 21 anos, mas foi aos 14 que começou a sua viagem polo independentismo. *"Sim, no colectivo Meendinho. Por isso sempre estava afeito a estar entre muita gente. Quando te vês assim só, num sítio onde nom te conhecem, e a polícia pressionando a umhas pessoas que nom sabem nada de ti, das tuas ideias, do teu jeito de ser, das tuas relações..., fam-te sentir mal, cumha grande impotência. Naqueles momentos sentim muito em falha a casa, as amizades de sempre. Sim, sofres muito. Sentim morrinha de Ourense porque ali nom teria sido igual"*.

Nom pode evitar sorrir quando lembra a dona da pensom com a folha do Faro de Vigo, onde aparece ele numha conferência de imprensa com titulares de *"Euskadi Conexiom"*. *"Mira, mira o que dim dele na imprensa - dizia-lhe a senhora a outro mozo da fonda -. A verdade é que nunca pensavamos que um simples autocolante fosse desatar tanta tempestade.O de Diz Goebbels foi um autocolante-bomba"*, e põe os olhos como vendo aqueles dias, sorrindo, ainda incrédulo de que todo aquilo passasse na realidade.

■ Alexandre Peres Fernandes, Insubmiso militante de Galiza Nova

Entre os mais de cem insubmissos na Galiza está Alexandre Peres Fernandes. Ainda que foi julgado e condenado no mês de Maio a 2 anos 4 meses e um dia de prisom, foi no ano 94 quando se fixo insubmisso. *" Som estudante e tinha pensado esgotar todas as prórrogas. Eu já me tinha decantado pola Insubmissom. Mas recém cumpridos os 21 anos enviárom-me umha carta do Ministério Espanhol de Defesa, para que me incorporasse a filas numha semana. Quando me equivoquei preenchendo umha solicitude de bolsa para estudos, chamárom-me e pudem rectificar. Quando me equivoco solicitando a prórroga com um ano de antelaçom, avisam-me umha semana antes para incorporar-me. Em sete dias tivem que decidir"*.

"Ser insubmisso numha cidade como Ferrol nom é o mesmo que sê-lo em Compostela ou em Vigo. Lembras-te de quando o alcaide dixo publicamente que nom se retirava a estátua de Franco porque havia pressões dos militares? Eu mesmo na minha família tenho gente que está no Exército, como a maioria da cidade. A presença e influência sente-se a diário". Os medos e a pressom nom faltárom nesses sete dias, mas tampouco ao longo destes três anos. *"Nom vas poder fazer isto, nem aquilo... a família preocupa-se. Passas horas discutindo e aclarando o que para ti é obvio e justo. Mas o que me indignou foi que desde o mesmo escritório de recrutamento do Concelho, intentárom convencer-me ponhendo-me medo com todo o que me ia passar. Esse colaboracionismo cego"*.

O dia do julgamento nom faltárom apoios familiares, de amizades e políticos. *"Som de Galiza Nova e conseguirom-me um advogado que nom é de ofício"* Ainda com os apoios, frentar um julgamento nom é prato de bom gosto. Acudir a outras vistas, conhecer a atitude do juiz, reconhece que lhe foi mui útil. *"Todos os dias há algo que che lembra que tês umha espada pendurada em cima tua. Sei que podo ir ao cárcere. O PP acelerou os trámites para os julgamentos. Está endurecendo-se com todo o mundo. Os insubmissos neste caso nom vamos sofrer discriminações. Vamos ser reprimidos como o resto."*

■ Roberto Reigosa, 20 anos, Independentista

"Amolou-me que tivesse que passar em tempo de exames". Roberto Reigosa, de 20 anos de idade. Vive perto de Mondonhedo e há uns dias comparecia acompanhado polo seu pai e a sua mãe a umha vista oral por desordens públicas e resistência à autoridade. " Só estávamos colando uns cartazes em Compostela, que é onde eu estudo. A polícia liou-no todo". Quando chegárom à sua casa, intentavam mostrar solidariedade com o seu pai. Um home muito conhecido e respeitado polo seu trabalho no concelho. *" Ter um filho independentista apresentam-no como umha desgraça para a família. Ali no meio do monte onde vivo eu, se nom tês apoios na casa, ficas numha situaçom muito difícil. Carregárom-me o 25 de Julho. Negárom-se a achegar-me até o autocarro. Eu ali estou muito isolado e o que mais te queima é estares longe dos demais"*.

Nas vilas e paróquias pequenas, o facto de que vaia a Guarda Civil a umha casa marca muito. A gente conhece-se toda. Mas às vezes só basta com que se visite a taberna. É o centro social por excelência. Um uniformado comenta no bar que *"o rapaz é bom, mas anda em más companhias..."*, *"avisa o teu filho que nom ande com esse rapaz"*, e toda a paróquia queda inteirada. No caso de Rosa Vasques fôrom mais directos. A sua mãe tem um negócio e fôrom-lhe ali informá-la que tivesse cuidado com a sua filha, que estava *"sendo seguida"*. *"A minha mãe estava furiosa e assustada"*. *"Eu já notava há um tempo como pessoas de paisano desconhecidas para mim, seguiam-me às vezes. Um amigo meu, menor de idade, que foi levado à comissaria polo seu pai, dixo-me que lhe ensinárам fotografias minhas. Foi o que me decidiu a pôr a denúncia diante do juiz. Nom pode ser que pola nossa actividade independentista fagam contra nós esta pressom. Fam-te sentir mal, como se estivesses fazendo algo indigno ou que tês que ocultar."*

■ Mariano Abalo, Concelheiro da Frente Popular Galega em Gangas

Mariano Abalo já nom é novo. Leva toda a vida no nacionalismo, e já anos militando na FPG e como concelheiro em Cangas. Dos sucessos que se desenvolvêrom nesta vila no ano 89, ele, junto a três pessoas mais, têm que fazer frente a umha ordem de embargo de quase dous milhões e meio de pesetas. *"Já me embargárom três mensalidades da minha nómina de Correios. E este mês também me descontárom 70.000 ptas por aplicaçom da Lei de Segurança Cidadã. Tenho mais dumha dúzia de expedientes abertos por esta causa. Há outros companheiros que estám pior. Mesmo têm pressionado a direcçom da empresa onde trabalham, ainda que polo momento sem resultado. Manolo Caamanho tem umha ordem de embargo de 11.300.000 ptas por via guvernativa, ainda que tem as mesmas acusações também por via judicial . Todo derivado da sua actividade sindical na luita dos marinheiros do Morraço."*

Com o chamado *"espírito de Ermua"* e utilizando a solidariedade que sempre mostrou publicamente Mariano com o movimento abertzale, o PP intentou forçar a sua expulsom da coligaçom que governa hoje o concelho de Cangas. *"A tensom foi mui forte esses dias. Eu sempre recebim ameaças de todo tipo, sobradamente por telefone, mas esses dias estavam doentes por fazer-me saber que me iam matar. Eu vivo com o meu pai e a minha mãe que padece umha enfermidade grave. Isso amolate, mas nom vou deixar de fazer o que fago e que considero justo. Máximo quando vês quem está baixo as siglas do PP, antigos falangistas, gente que assassinou e encarcerou a metade de Cangas... Nom se pode entender esta vila, nem os processos que se dam aqui sem conhecer a história mais recente, o que sucedeu aqui*

em 36". Reconhece Mariano a falta de tempo e capacidade para afrontar toda esta pressom. *"Está-se organizando umha campanha de solidariedade para fazer umha colecta a nível popular, também um festival... mas há tanto que fazer, estás em tantas cousas e tantos problemas!"*

■ Manuel Guedes, Membro e Vizinho da Coordenadora antiempacadora de Vila Boa

A luita contra a empacadora levou a vizinhança, maioritariamente votante do PP, a um enfrentamento total contra este partido e máximo contra os seus dirigentes Cuinha e Parada. *"Estamos tranquilos, eles já perdêrom os papéis quando dixérom que nos iam meter a empacadora por colhões. Nós respondemos que a nossa oposiçom à empacadora nom era por sexo, senom por seso"*. Manuel Guedes, membro da Coordenadora Vizinhal, mira com ilusom todo o que se fai em Vila Boa. Pensa que merece a pena porque nisso está o futuro de todas as paróquias do concelho. *" Temos ao redor de 300 multas pendentes, de entre 150.000 e um milhom de pesetas. Da nossa parte há feridos e mesmo umha vizinha resultou com lesões de gravidade. Já vês, nom somos bem recebidos nos actos do PP. Mas ainda pior que a dor física é a raiva e a impotência. Saber que tês a razom e que che imponham pola força esta animalada! A zona está fortemente vigiada. Toda esta presença dos guardas tem uns custos grandíssimos. A ironia é que o pagamos nós, com os nossos impostos. Como se pode malgastar assim o dinheiro dos galegos? Esta presença é cruel, é quase um estado de sítio. Mas em Vila Boa todo o mundo sabe que esta luita vamo-la ganhar"*. Da unidade e firmeza da vizinhança dam fé os cartazes que decoram cada leira, entre as leitugas, entre o milho...*"Nom à empacadora", " Nom votes fascismo, nom votes PP". " Nós temos a nossa unidade, e o seguro do monte comunal. Vamos fazer todo o que faga falta. Estamos preparados."*

■ Asier Rodrigues, 21 anos, militante de Estudantes Independentistas.

Asier Rodriguez nom sabia que quando participava num piquete das mobilizações estudantis de Dezembro do ano passado, ia acabar com umha acusaçom de *"coacçom e maus tratos"* e umha multa de 315.000 ptas. *"Estávamos na Faculdade de Medicina. Entrava pouca gente, professores e algum alunado. Um tipo enfrentou-se ao piquete. Acabou pegando-lhe a umha rapariga, eu empurrei-no. Logo veu a polícia e sinalou-me. Dava a casualidade de que eu nom levava bilhete de identidade e levárom-me à comissaria para identificar-me"*. Este caso complicou-se quando ao dia seguinte na imprensa aparece a crónica do sucedido informando de que o único detido pertencia à organizaçom AMI e que nom era estudante, intentando demostrar deste jeito que as mobilizações de Dezembro nada tinham que ver com a Universidade. *"Fum até o jornal com o resguardo da matrícula, perguntando quem escrevera aquela crónica. O jornalista bastante surprendido afirmou que ele escreveu o que lhe mandaram. Todo isto confirmou-me a existência de fichas policiais ilegais. Eu fum levado à comissaria para identificar. Quando vírom a minha suposta ficha inventárom o da acusaçom de maus tratos e coacções"*. A Asier também lhe tinham dito que havia fotos dele na comissaria. A detençom, as novas do jornal e a acusaçom confirmárom-lho definitivamente. O dia dez de Outubro às onze da manhã será julgado, defendido por umha advogada de ofício.

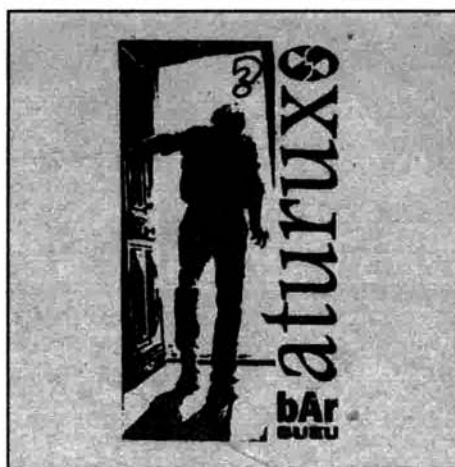
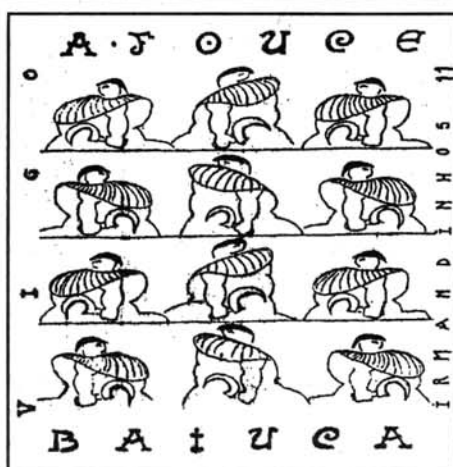
«Compre agora reforçar os fios da solidariedade, da resposta social frente à repressom. Porque cada problema, somado aos outros problemas, cada agressom somada às outras agressões, conformam a sintomatologia dum povo que pretendem afogar e luita por sobreviver»

As manifestações operárias também som controladas e filmadas pola polícia

■ Professora e bióloga brasileira, 30 anos, emigrante.

Prefere ocultar o seu nome nestas páginas da Gralha. Tem 30 anos, nada no Brasil. É mestra e falta-lhe umha disciplina para acabar Biologia, mas estas titulações nom estám homologadas no Estado Espanhol. *"Levo desde o ano 91 na Galiza. Regressando ao meu país quando se ia rematar a licença de turista. Desde o ano 95 estou numha situaçom ilegal. Tenho solicitado a licença de residência mas até hoje nom ma concedêrom, e nom existem razões para esta denegaçom pois como me dim em CIG Emigraçom, reúno todos os requisitos que exigem. Se regresso ao meu país fico fichada nos computadores e nom podo regressar à Europa nunca mais"*. Ela nom é umha imigrante por razões económicas, veu por estar junto ao seu companheiro que é galego. Alá tinha trabalho, casa, seguro médico...*"Muita gente vem a Europa por necessidade, outra simplesmente polo sonho. Na Galiza existia o sonho americano, ia-se fazer as américas. Viver longe da família, da tua Terra... é difícil. Eu tivem sorte, aqui encontrei amizades e gente que me acolheu como umha família. Influi também que na Galiza a gente é muito simpática e houvo muita emigraçom. Isso ajuda a comprender a situaçom da pessoa imigrada. Mas às vezes tenho-o passado muito mal nos aeroportos ou nas cafetarias. Cheiras o racismo. Se es branca, loira, de olhos azuis... passas como turista. Se vêm umha mulher preta que vem do Brasil, para a polícia já es prostituta. Tenhem-me perguntado no aeroporto, de onde sacava o dinheiro que levava. Entre as pessoas imigradas corria o conto que o antigo governador civil Vacas, botava a sortes os expedientes que ia aprovar e os que nom". "Nom se param a estudar cada caso, logo em cada comisaria dim-te dum jeito, confundem-te. Só os senhoritos podem andar dum país para outro sem problemas, mesmo conseguem dupla nacionalidade. Os consulados para os pobres som umha arma mais de controlo. Nom te podes fiar porque estám também para reprimir todo o que venha das antigas colónias pobres"*.

■ Oliva Rodrigues, acusada de colaboraçom frustada com o Exercito Guerrilheiro.

Oliva Rodrigues foi detida no ano 91 acusada de colaborar com o EGPGC. Passa seis meses em prisom e sai em liberdade condicional. Depois de julgada, é condenada a seis anos e, ainda que recorre a sua sentença perante o Tribunal Supremo, é encarcerada de novo. Recobra de novo a liberdade mas quando sai a sentença do Supremo rebaixando a sua condena a 4 anos 2 meses e 1 dia, é levada ao cárcere da Corunha e posteriormente a Valladolid. Interpõe um recurso perante o Tribunal Constitucional, entre outras cousas, porque o delito polo que foi condenada nom existe no Código Penal (colaboraçom em grau de frustraçom). Quando o Constitucional admite a trámite o recurso é posta de novo em liberdade. Em total vam seis anos de processamento, de detenções, de encarceramentos... por umha condena de 4 anos, que mesmo pode ficar em absoluçom quando resolva o Constitucional. *"O facto de estar presa é duro, nom o vou negar. Mas vas colocando a tua cabeça para afrontar essa situaçom. Sabes que vas ter que levar umha luita diária contra o sistema carcerário e constróis os teus próprios sistemas de autodefesa. Mas a mim parece-me mais duro o ter vivido estes anos em total incertidom, sem saber quanto ia durar a minha liberdade ou o meu encarceramento. Penso que aos meus filhos também foi o que mais lhes afectou desta situaçom. Estou falando em passado, mas isto nom rematou. Estou aguardando polo que resolva o Constitucional.* Assegura Oliva que nunca se sentiu só nestes anos e que nom lhe faltou a solidariedade". *"Como consequência de todo o processo perdim o meu posto de trabalho. À insegurança da que che falei antes tens que acrescentar a insegurança económica, porque para viver da solidariedade também precisas um processo de adaptaçom".* ■

A·FOUCE

PERIODICO GALEGO

Os Nacionalistas galegos nom devem ir ao Parlamento

Pode-se dizer que desde o surgimento do nacionalismo galego, o facto eleitoral trouxo ao opiniões dos patriotas divididas decote em dous sectores: partidários da intervençom parlamentária e inimigos fechados da dita intervençom.

(.....)

PERGUNTAS

E agora nós perguntamos: Que vam fazer estes bons patriotas com a sua representaçom popular pola Causa Nacional Galega? A sua imunidade parlamentária de que lhes pode servir à Causa Liberadora da Galiza?

Irám a Madrid dizer cousas mais terríveis que as que escuitou o Parlamento Espanhol da boca de Maciá? Ou é que pensam promover tais tumultos na Câmara que vam fazer voltar os olhos aos demais povos da Europa para obter umha ajuda internacional, ou siquera umha simpatia que envergonhe o Estado opressor? Cuidamos que nom.

Se a Causa Nacional Galega nom adianta nada tendo os seus melhores homens no Parlamento, que vantagens se podem obter para a Galiza?

Vale a pena, que estes homens troquem umhas promesas de escola agrícola, estradas ou umhas códias arancelárias (que nos servirá para que nos odeiem) polo rubor de ter que jurar respeito e fidelidade a umha constituiçom e a umhas autoridades que tenhem aferrolhada, opressa, e na miséria material e espiritual a Galiza? Cuidamos que nom.

«Que vam fazer estes bons patriotas com a sua representaçom popular pola Causa Nacional Galega?»

RESPOSTAS

Mas por riba de todo, opom-se à intervençom dos nossos homens, nas Cortes Espanholas, a mais firme, invariável e pura ortodoxia nacionalista. *Cando um povo está canso de pedir e pedir e nom o atenden - como no caso Galiza - à casa do inimigo nom se deve ir para nada; rompe-se toda clase de relaçom com ele e deste jeito dignifica-se um movimento verdadeiramente nacionalista.*

Nenhum líder nacionalista em tempo de luita pola liberdade da Pátria debe dar a sua colaboraçom ao governo do poder central opressor. Em nenhuma parte do mundo ocorreu semelhante cousa.

Os deputados irlandeses do "Sinn Fein" nunca forom a Londres. A Londres iam os traidores de Redmon. Gandhi, aureolado de misticismo, tem escrito no seu Evangelho nacional: "Nom aceitaremos cargos públicos".

A obra mais perturbadora do Nacionalismo catalám, foi a política eleitoralista da Lliga Regionalista. A política eleitoral foi a que desviou e pervertiu o catalanismo. Corrupçom interior e corrupçom exterior.

O VIEIRO INTERIOR

Há que situar-se num vieiro interior, a ruta da nossa Pátria, de costas para Madrid e de cara ao Atlántico que é Cantábrico às vezes. Há que conquistar Galiza em lugar de pretender conquistar Madrid. Há que tomar posições na Galiza em vez de tomar bancas no Congresso espanhol. Nom devemos permitir que os nossos homens vaiam a Madrid; porque mentres alá estejam e a nossa atençom com eles, pode Madrid com os partidos monárquicos formar a retaguarda, caso este da Uniom Monárquica Nacional Catalana. Jogada estratégica que sucede em todas as guerras.

É por isso que os galegos nom devemos ir a Madrid. Há que formar na Galiza um pleno ambiente nacionalista. Este ambiente chegará a asfixiar todos os contra-partidos galeguistas. Chegará um momento - momento de saturaçom patriótica - que o mesmo ar que respiram os afogará.

Porque é necesário intensificar o labor interior da Galiza, devemos opor-nos a que os nacionalistas vaiam ao Parlamento porque o dinheiro e as energias gastos nas eleições serám energias e dinheiro perdido para obra mais proveitosa, mais fecunda, mais eficaz, para a Escola Nacional Galega.

Mas isto da Escola Nacional Galega é tema para desenvolver no próximo número.

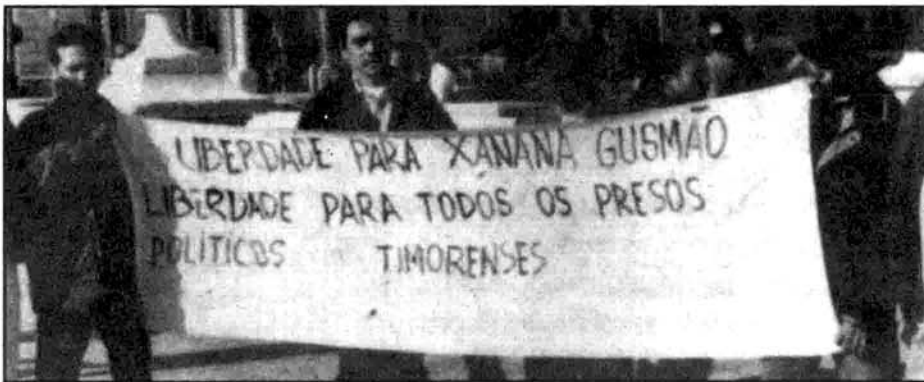
Ilha Couto

**Artigo do periódico «A Fouce» nº24, 17 de Dezembro de 1930, (na grafia foi adaptado a galego actual)*

Negocioções em Timor Leste

Negociar nunca é facil

A Indonésia atravessa um periodo novo e conturbado entre eleições nom democráticas e desafios da sociedade civil (sindicatos e partidos nom autorizados, lutas operárias e estudantis, etc.). Sendo um regime autoritário e fechado, nom é fácil aos observadores definir as suas contradições e compreender que mudanças se avizinham. A percepçom geral de que negociar nunca é fácil, crescentemente admitida em Jacarta, explica umha notícia muito recente: o presidente indonésio Suharto concedeu um permiso ao lider timorense Xanana Gusmão para jantar no palácio presidencial com o presidente sul-africano Mandela.

Parecia estar instalado um verdadeiro ambiente de negociações, já que pola primeira vez todos concordavam: era necesário ultrapassar o «status quo». Mas a Indonésia deu a impressom de dar volta atrás. Recusou o pedido de Mandela de libertar Xanana Gusmão, tendo feito depender tal libertaçom de que se adiassem as conversas para o conflito mauvere. O próximo encontro intratimorense realiza-se neste mês de Outubro em Viena. Pola terceira vez, os partidários da autonomia de Timor e os defensores da sua anexaçom na Indonésia discutirám o futuro do território.

Testemunha directa

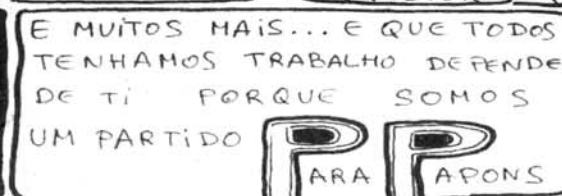
Crónica apresentada por um jovem timorense de 19 anos, a quem durante muito tempo esconderam a verdadeira identidade, nas VIII Jornadas sobre Timor Leste da Universidade do Porto, celebradas em Julho deste ano.

«Chamo-me Tomás Alfredo Gândara, mas durante 15 anos chamaram-me Tommy Abdul Rahman. Nasci em Timor Leste a 15 de Junho de 1977 em Lospalos, de pais naturais desta terra; mas durante 15 anos disseram-me que era indonésio. Fui baptizado na religião católica, mas ensinaram-me que era muçulmano; tudo porque em 1979 os militares indonésios levaram-nos, a mim e à minha irmã, para Jacarta, tinha eu dois anos. Fui entregue a uma família de funcionários indonésios e a minha irmã foi levada para uma instituição social. Nunca me disseram nada sobre a minha verdadeira identidade, nem que eu tinha uma irmã na mesma cidade.

Em 1994, após anos de procura, familiares meus consegiram informações sobre o local onde estávamos e um tio meu fez a viagem até Jacarta para nos dar as informações que nos tinham negado até à data.

Tommy Abdul Rahman, jovem indonésio de 17 anos, nom sabia quase nada sobre Timor Leste porque o governo indonésio não informa os seus próprios súbditos sobre a guerra que aí fomenta. Sabia que tinha um tio; ficou a sabê-lo através de um conhecido seu que tinha sido colega do seu tio na escola militar em Timor Leste. Tommy soube também que jovens da sua idade haviam morrido no cemitério de Santa Cruz em 1991, mas pouco mais...

Quando regressei a Timor Leste fiquei impressionado pela pobreza dos timorenses, pela presença militar muito superior àquela que havia na Indonésia e, sobretudo, pelo terror que estes militares faziam pairar sobre a populaçom.

O meu tio foi obrigado a apresentar-se todos os dias no KODIM (Comando Militar Distrital) e no Quartel dos Nanggalas (Forças Especiais) em Lospalos para respondêr a interrogatórios. Os interrogatórios duravam três horas, no fim das quais lhe diziam para se apresntar no dia seguinte; isto repetiu-se todos os dias durante dois meses. Falando com diversas pessoas, incluindo timorenses que em 1979 estavam nas forças militares indonésias, fui sendo informado sobre os meus pais e contaram-me que haviam sido capturados em 1979 (10 de Junho). A minha mãe, Felicidade Lopes Gândara, ex-aluna de Medicina em Portugal estava grávida. Faltavam umhas semanas para o bebê nascer quando foi morta em Home, distrito de Lospalos, no dia 11 de Junho de 1979, pelos militares do Batalhão 745. Mataram-na com golpes de baioneta na barriga. O meu pai, Vítor dos Santos Gândara, que havia sido separado da minha mãe após a captura, foi morto em Loré em condições que eu nom consegui esclarecer».

lexico-grafando

Eleições

Dada a proximidade das eleições autonómicas, que talvez devéssemos chamar nacionais, embora fiquem excluídas delas as comarcas orientais do país, trataremos nesta ocasiom o léxico que lhes diz respeito.

Meeting ou *mitin* (na sua adaptaçom ao castrapo coincidente com o espanhol) é anglicismo desnecessário. Esta palabra originariamente significava "reuniom ou encontro". Em galego devemos usar COMÍCIO, que provém do latim *comitium* "lugar de reuniom". Conseqüentemente, comício nom será sinónimo de eleiçom, mas de arenga.

As investigações que visam averiguar a intençom de voto, com que os jornais nos bombardeam em época eleitoral, e que raramente atinam, denominam-se SONDAGENS. A *sondagem* é elaborada através de INQUÉRITOS realizados a um conjunto de indivíduos que se supõe representarem a totalidade do eleitorado. A palabra *enquisa* é medievalismo que tinha o significado de "testemunha". Devemos preferir *sondagem*, por ser a palavra própria do galego moderno tanto em Portugal como no Brasil.

No dia das VOTAÇÕES, um depois do ENCERRAMENTO DA CAMPANHA, os ELEITORES exercerám o seu DIREITO DE VOTO depositando as listas na URNA. O facto de ser na urna onde se decide a composiçom do Parlamento nom deve levar-nos a confundi-la com umha furna ("gruta, caverna"), como acontece a certo semanário nacionalista. Na realidade tam pouco têm a ver a urna e a furna como o útil e o fútil.

Terminado o ACTO ELEITORAL, terá lugar o ESCRUTÍNIO dos votos. Finalmente, um dos candidatos TOMARÁ POSSE perante o Parlamento no ACTO DE POSSE. O Presidente eleito nomeará a seguir os membros do seu governo que se farám responsáveis polas diferentes PASTAS, que é forma figurada de designar os Ministérios ou, no nosso caso, as Conselharias.

Umha actuaçom no II Félix Rock. Os concertos tivérom lugar entre o 31 de Julho e e o 4 de Agosto em Vigo

música

Umhas férias requintadas de som

Estas férias do verão fôrom o início de umha série de eventos lúdicos e musicais que marcarám um pouco o futuro do mundo da música no país. Por um lado os espectáculos musicais propriamente ditos: os festivais «Erva e Som», «Cerceda 97», «Sánti Rock», «Além Galiza», «Félix Rock», «Festival do Mundo Celta de Ortigueira», «O Moronhó» de Pontedeume, «O rock no caminho» de Palas de Reis, a celebraçom dos dez anos do «Cidade Velha» em Compostela, «Pardinhas», a «1ª Foliada Folk de Lalim», os Intercélticos de Moanha e Corunha, etc...; e por outro lado os acontecimentos lúdicos nos que tem um grande peso o factor musical: Festa dos Botes em Arçua, diversos concertos nas festas do Cristo em Vigo, Festa da Carne e Rapa das Bestas na Estrada, da Empada em Bandeira, «Festival Irmandinho» de Moeche e milhares de pequenos concertos polo país, para além dos patéticos «Terra's unica's de D. Manuel».

Muitos ficárom no tinteiro. O dito leva a várias conclusões: Pode que se chegue a umha saturaçom no número de eventos musicais? Nom sei. O que si sei é que a própria dinâmica porá no seu lugar os bons festivais e terminará com a pouca profissionalidade de outros. Valem-lhe de algo este número de festivais aos grupos galegos? Ao mundo do folk e à música tradicional galega si. O resto de grupos têm de se conformar com opções como o «Além Galiza» onde si se expujo o melhor do rock galego do momento, o «Sánti Rock» ou pequenos concertos polo país. Sem cairmos em muitos elogios no que à organizaçom diz respeito.

O certo é que se marcou um antes e um depois, e os erros cometidos por parte das organizações serám remediados criando-se assim um circuito comparável a qualquer outro do Estado. Isto vai acompanhado de um início pródigo em material discográfico para o verão: novo disco de Chouteira, primeiro disco dos Túçaros, Zënzar, Fame Neghra, José Manuel Budinho... bem como a visita de grandes bandas: Shooglenifty, Värttinä, Gwendal, Joxe Ripiau, Skunk, Enemigos, Brigada Vítor Jara, etc...

Parabéns a todas as pessoas que trabalhárom sem descanso este verão nos eventos musicais com a ideia de criarem um espaço de entendimento e intercâmbio musical do nosso país e dos que nos visitárom.

Senem

janela da língua

Hunha hovra vásika pra ha normalizazión

Ha puvlikazión katrilinjue (portuxes, hespañol, kastrapo he hinjlés) do "ANUARIO ESTATÍSTICO GALICIA-NORTE DE PORTUGAL" konstitue hunha kontrivuzión dezisiba pra normalizar ho jalejo na hárea das Zienzias Soziales, honde ten prendido kon forza ha herba ruin do rintejrazionismo, he hakavar de bez kó mito de ko jalejo hé portuxés, kando non cheja ha dialeuto do hespañol.

Hantre hos múltiples lusismos ke se kolaron suvretiziamente no jalejo, he ke hesta hobra korrixe hazertadamente, salientaría haljuns koma ho de chamar "**desempregado**" ha ken karece de "emprego" kando debe dicirse "parado", por muito ke se moba, hou "**empregado**" ha ken ho ten, kando hé hun "ocupado" hanke soio se hokupe de kovrar. Outros koma "**Finanças**" pra dicir "Presupostos", ho ke presupon ke "**Orçamento**" tamém hé incorreuto, hou "**Taxa de variação anual**" ke debe traducirse koma "Crecemento interanual porcentual", has "**Prestações da Segurança Social**" koma "Importe Total das pensións", hos "**Pensionistas por invalidez, velhice e sobrevivência**" koma "Pensións en vigor, segundo clases" he has "**Reses abatidas e aprovadas para consumo**" por "Producción de carne por tipoloxías". Has empresas "**com sede na região**" deben chamarse "situadas na rexión", hos "**hóspedes**", ainda que se hospeden, "viaxeiros", ha "**População residente**, "Poboación de Dereito" hanke non sexan habojados, he ha "**Construção nova**", "Obra de nova planta", ke ten muito mais henpake.

Non hé preziso hestenderse sovor das hinestimavles haportazions de hesta hobra hinprescindivle pra kantos keremos konserbar has hamvijuedades, hekíbokos he hinprezisións do hespañol koma hinsustituivles hamvibalenzias vilinjues hou vífidas ke henrikezen ho jalejo PORQUE NOS INTERESA ESTE PAÍS.

Konstantino Graphia

e também...

Prémio Literário Internacional, Agostinho Neto

O MPLA angolano promove o «Prémio Literário Internacional Agostinho Neto», admitindo obras até 31 de Junho de 1998, prémio em metálico de 30.000 dolares.

O concurso tem carácter bianual e integra o género literário ensaio. Interessados escrever para Gralha ou também se pode contactar directamente para o:

Comité Central do MPLA
Centro de Documentação Histórica
Rua Ho Chi Min
Luanda. República de Angola

Grupo de Libertaçom Homossexual

O grupo ourensano LH anuncia o seu nascimento. A criaçom do grupo Libertaçom Homossexual responde à pretensom de luitar polos direitos dos homossexuais. Umha naçom livre deve respeitar os direitos sexuais das pessoas. Grupo Lh. Apartado 343. 32080 Ourense

No número anterior o artigo intitulado «Emprego e dessemprego, o problema é nosso» assinado por Lupe Cês. Tinha dous erros: onde aparez " máximo anual" tinha que dizer "máximo histórico" e onde propunha "contratos eventuais" em realidade deberia por "contratos indefinidos".

«Caravane des quartiers», virá a Compostela

Beatriz Árias

A «Caravana dos bairros», convidou a Gralha e alá fomos. Formamos parte da expediçom galega a Lyon. Fôrom quatro dias de Agosto, de convívio, de música e de amizade. Um projecto multicultural e multirracial onde se misturam música, circo e as mais diversas manifestações artísticas.

A «Caravana» estará com nós em Julho de 98, coincidindo com o mundial de futebol. O lugar elegido é Compostela.

A finais dos anos setenta, os habitantes mais jovens dos bairros de diferentes cidades da França mobilizárom-se para lhes dar algo de vida cultural. Associárom-se para acções de alfabetizaçom, animaçom cultural e desportiva. Esse é o primeiro germem da Caravana. Após anos, chegárom a construir um projecto fundado em sólidos laços humanos. Trabalho voluntário e altruista, amizade e diversom asseguradaconstituem os eixos da Caravana. Os bairros que a têm visto passar, às vezes com ajudas institucionais e às vezes sem nada, têm desfrutado de espectáculos onde vêm parte da sua cultura autóctone, pois som geralmente bairros de imigrantes.

Foi sobre todo a partir de 1995 quando se produz o salto mais forte e Caravana consegue reunir, baixo as suas três carpas, a maior variedade de oferta cultural: um circo equestre, concertos, teatro, dança urbana, exposições, conta-contos, espectáculos infantis, debates... Mui importante foi também o acordo conseguido com a fundaçom "Abbé Pierre" em 1996 para o programa "Quartiers ouvertes", que veu reforçar o caminho iniciado, contribuíndo estabilidade ao projecto.

Quiçá o segredo do êxito esteja em que a Caravana é um espaço multirracial, onde o conceito de cultura responde aos própios desejos e gostos da populaçom, baseando-se numha procura previamente existente. É o lugar da mistura, da mestiçagem. Caravana é capaz de fazer emerger umha cultura profissional e de qualidade no dia a dia dos bairros, precisamente porque é umha expressom dessa mesma gente que os habita. Mas o maior dos logros da Caravana é saber conjugar perfeitamente a mais absoluta liberdade de expressom com o facto de que ninguém se aproprie do projecto. Artistas e convidados sempre pudérom expressar as suas ideias musicais, artísticas, sociais e políticas sem qualquer problema.

Lyon, Galiza Tropical

De 27 a 31 de Agosto tivo lugar em Lyon mais umha etapa da Caravana. As actuações do circo equestre Les Chevacheurs, acompanhados polos oito músicos da Bande à Jojo, repetiam-se diariamente. Um espectáculo puramente circense: show dinâmico com cavalos e música ao vivo. O teatro tivo o seu dia grande na sexta-feira 29 onde o grupo Générik Vapeur, saindo-se do recinto da Caravana, invadiu o bairro des États-Unis com umha orquestra acima dum camiom, foguetes e bidões, apresentando um espectáculo de conceiçom futurista e pós-nuclear. No sábado Terry O' Neill, o cantor mais popular de West Belfast, acompanhado de quatro músicos, interpretou um folclore que procede "do mais fundo de um povo que ansia a liberdade e está farto de viver debaixo dos helicópteros e os tanques británicos". Também no sábado, o bairro dos États-Unis congregou-se maioritariamente debaixo da carpa grande para ver a cantora argelina Zahouania. Podia-se observar gente de todas as idades que nom cabiam para ver a estrela de estilo "raï", umha música muito conhecida por tratar-se de um bairro onde a emigraçom recebida é precisamente quase toda argelina.

A quinta-feira 28 foi o dia da expediçom galega. Organizado com muita ilusom por Manu Chão, o programa intitulado «Galiza Tropical» incluia os Diplomáticos, Pinto de Ervom e Josefa a pandeireteira. Manu incluiu também dous grupos nom galegos, nos que predominam diferentes tipos de percussom, música pola que mostra umha clara preferência. Os Diplomáticos apresentárom-se com forças renovadas, rachadores com três pandeireteiras e um bombo acima do cenário; fizérom dançar e saltar o numeroso público enquanto Pinto de Ervom repartia queimada e explicava o famoso esconjuro entre os que se achegavam a perguntar e degustar "l'eau de vie". Lumbalu, grupo de percussionistas excelentes com canções tradicionais colombianas, fôrom os que abrirom a noite com o som dos tambores em estado puro e o original jeito de tocar as maracas. Amparanoia, um grupo madrileno com um excelente som e umha jovem cantora, Amparo, transmitiu boas vibrações e muita amizade. Ao fim da noite acabamos numha discoteca onde dous DJ's, Manu Chão e o brasileiro Wagner, oferecêrom umha noite cheia de tambores, pachanka e ritmos brasileiros e africanos. O incrível e apoteósico foi quando, fora de programa, e como despedida na noite seguinte, se organizou numha das carpas a Batucada. Nela, os membros dos grupos citados (pandeiretas, maracas, tambores afro-americanos, o bombo dos siareiros galegos e demais espontáneos) armárom a maior festa que se tenha visto. Percussões duras da África e da América, que som a base rítmica da Caravana, complementárom-se muito bem com as nossas e fizêrom dançar o auditório a noite toda. Sem dúvida o melhor foi o convívio e a participaçom, ninguém se pudo sentir excluído.

O que em Lyon aconteceu, terá a sua continuaçom e ampliaçom na Galiza, a onde se trasladarám muitos dos espectáculos citados . Serám as Noites do Futebol ou Futebol Clube 98 em Compostela no verão do próximo ano, coincidindo com as datas do campeonato mundial de futebol.

O programa está ainda por definir, mas a mistura de Manu Chão, gentes de Caravana e galegos e galegas trabalhando no projecto asseguram desde já o melhor sucesso, do que será sem dúvida o espectáculo do ano.■

Manu Chão amigo da Caravana

Manu Chão, ex-Mano Negra, alcunhado muitas vezes entre os franceses como "La Mano" é o grande amigo da Caravana. Dixo-nos que foi também um amigo seu, Wally, quem lhe tinha falado muito do projecto Caravana. Este moço, infelizmente morto no ano 1991, desejava que o famoso conjunto Mano Negra fizesse umha tournée polos arrabaldes das cidades francesas. "E figemo-la,-di Manu-. Num bairro de Mantes foi onde eu conhecim a Madani e a Caravana em geral. Umha corrente muito positiva surgiu logo por ambas as partes, de maneira que continua até hoje. Para mim, estar na Caravana é umha alegria, umha sorte. Além disso, como eu viajo muito, a México e a outros lugares, contacto com gentes "super" e depois fago o possível por que essa gente conheça a Caravana ou bem que esta se desloque com os seus espectáculos polo mundo adiante". Manu sorri: "Também, na Caravana todo o mundo fai festa". O rosto ilumina-se-lhe quando lhe falamos do ano próximo em Compostela:

"Umha Caravana na Galiza... Isso pode ser fortíssimo!!! Alá eu vou ter que me implicar a fundo. Já vivim esse género de aventuras, como o Cargo na América do Sul, por exemplo. Mas tenho verdadeira vontade de realizar neste caso a aventura com os meus irmãos. Claro que eu confio muito na gente da Caravana que se vai deslocar alá, conto com eles, som a base do projecto". Lembramos-lhe também a Manu o projecto do que nos falou quando estivo aqui, no Entruido deste ano, a Feira das Mentiras para o fim do século. Quem nos falou da legenda do Super Chango, esse deus rebelde de espírito libertário que lhe inspirou a ideia de fazer na Galiza umha grande feira, desfiles polas ruas e concertos? Foi ele, Manu.

" O ano 2000 fica muito longe para mim. A Caravana é algo que puxa, como umha criança, nom se sabe se chegará a campeom de futebol, se se irá à "meca", fará estudos ou nom... Eu só sei que vou intentar com todas as minhas forças que a Caravana seja algo magnífico". Nós insistimos sobre a feira das mentiras e ele, sempre com ar simpático: "Há que dar-se conta de que as cousas grandes nom se fam de repente. Há que continuar com sucessivas caravanas para reunir ainda mais gente interessante que poda participar no projecto. Ir de pouco a mais".

dixo-me...dixo-me

Que, a CIG depois das últimas resoluções do seu congresso a respeito da língua, segue condicionada polo poder económico da Junta, e assim organiza cursos de Castrapo em colaboraçom com a Direcçom Geral de Política Linguística: Dinheiro manda. Na folha de inscriçom para o curso figura «Galicia», em espanhol. Fala com eles no tel. 981- 564300.

Que, numha manhã deste verão e no programa televisivo «A Praça da Alegria» na RTP1, estava um galego a falar em nome da Galiza, relatava o seu grande amor para Portugal, e disertava sobre cultura e costumes portugueses. Este elemento era D. Manuel Fraga e todo o que dizia fazia-o em espanhol, e como máximo representante da Galiza. Assim estamos.